EDIFÍCIO BRASIL

DO REFÚGIO AO LEGADO

Uma linha do tempo do bairro Mercês (1830-2026)

Inventário e resgate da memória
Responsável: Isabella Curcio Brouwenstyn, arquiteta e urbanista

weefor
VIVER É TRANSFORMAR

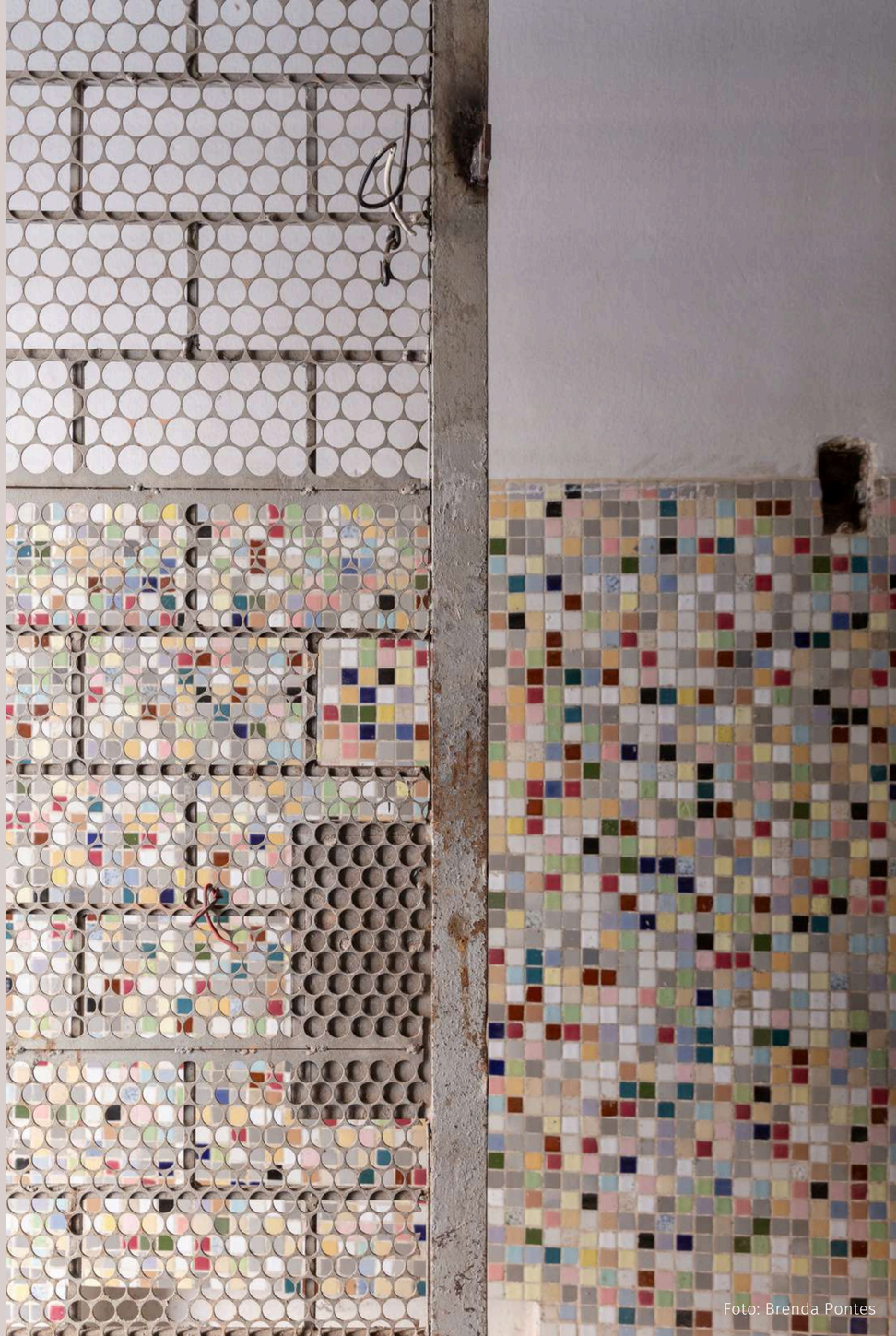


Foto: Brenda Pontes

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1830:
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO

A FORMAÇÃO DO BAIRRO MERCÊS

A história da rua remonta à colonização do bairro Mercês, iniciada por volta de 1830. Na época, a região era uma densa floresta conhecida como "Sítio do Mato" ou "Lar das Meninas", marcada pela presença inicial de luso-brasileiros e negros. Posteriormente, a área recebeu levas de imigrantes alemães, italianos e poloneses. A ocupação começou com chácaras de subsistência, que gradualmente deram lugar aos primeiros pontos comerciais abertos por imigrantes. Esse processo consolidou o "antigo quarteirão das Mercês", estabelecendo a Rua Visconde do Rio Branco como um eixo vital de desenvolvimento.

Jornal do Centro Cívico

Visconde do Rio Branco

A história de desenvolvimento da rua Visconde do Rio Branco

A Rua Visconde do Rio Branco é iniciada na Pç N. S. das Graças, da antiga Av. Principal conhecida como Cruzeiro, hoje, Manoel Ribas. A história da rua vem da colonização do bairro Mercês, que foi iniciada por volta de 1830. O bairro que abrigava uma enorme floresta era denominado como "Sítio do Mato" ou "Lar das Meninas". A presença física na região era marcada por luso-brasileiros e negros, posteriormente sendo habitada, principalmente, por alemães, italianos e poloneses.

Formada por chácaras de subsistência, começou a evoluir com os pontos comerciais abertos pelos italianos que chegavam no início do século XX. Com o tempo foi formado o antigo quarteirão de Nossa Senhora das Mercês, em uma área muito maior que é o bairro nos dias de hoje.

A Rua Visconde do Rio Branco encontra-se em um dos mais altos pontos da cidade, chegando a quase 900 metros de altitude acima do nível do mar. Prova disto é o frio do vento encanado das noites de inverno e a torre da Telepar visualizada da rua como uma imponente obra da região.

A Visconde do Rio Branco sempre foi utilizada como uma importante via de acesso do centro da cidade ao bairro Mercês, principalmente em relação à tradição, normalmente utilizada como caminho para o benzimento de carros feitos pelos padres capuchinhos.

O misterioso túnel que passa pelas Mercês é alvo de contos de que algumas pessoas encontraram o tesouro e ficaram ricas

A rua também serviu de palco de conversas sobre várias estórias, a mais interessante é a do "Pirata das Mercês". Hoje em dia a lenda do Pirata Zulmiro é desconhecida pelas novas gerações que vivem na Visconde. Em 1840, um inglês misterioso veio morar no "Sítio do Mato" (atual Mercês). Era conhecido como o "Velho do Mato" e vivia se isolando das demais pessoas. De acordo com pesquisas do historiador Edberto Trevisan, o pirata nasceu na cidade de Cork e, por ser um oficial da marinha inglesa, chegou a matar seu companheiro de embarcação, com isto, foi para a Flórida e embarcou em um navio negreiro.

Zulmiro criou um motim nesta embarcação, matou o comandante, e se tornou o dono do barco. Na ilha de Trindade, transformou-a em um depósito de tesouros roubados. Não se sabe como, foi capturado pela coroa britânica e enviado ao Porto de Paranaguá. Vindo à Curitiba, antes de morrer, deixou um documento atestando o tesouro escondido.

O misterioso túnel que passa pelas Mercês é alvo de contos de que algumas pessoas encontraram o tesouro e ficaram ricas, e outras, que nem chegavam perto, pois havia uma maldição em torno da provável riqueza. Utilizado no "pombalismo", época em que o Marquês de Pombal expulsava os Jesuítas, o túnel conduzia os clérigos com segurança até as Ruínas de São Francisco, não sendo comprovado nenhum aspecto do Pirata das Mercês, apenas comentários de antigos moradores da Visconde do Rio Branco e imediações.

Contos macabros ou sagrados à parte, a Visconde do Rio Branco serve como uma privilegiada localização residencial e comercial, ligando da rua Emiliano Perneta à Manoel Ribas. Os estabelecimentos formam um mix variado de opções, como ótimos exemplos: o Estúdio de desenho artístico, publicitário, projeto & decoração Oscar Miranda Pedroso, Nossa Vidraçaria, Mega Som, Lavanderia Progresso, Becker Cabeleireiros Unissex, Integral Assessoria de Recursos Humanos, Confeitaria Caruso, Clínica Ocontológica Dra. Andréa J. Pacheco Canto, Fisk inglês e espanhol e o restaurante Cantinho de Antonina. Outro grande destaque é o SESC da Esquina, um espaço aberto para as mais diversas opções, inclusive, o Teatro da Esquina.

Becker
Cabeleireiros Unissex
Corte Feminino R$ 10,00 Corte Masculino R$ 5,00 Manicure ou Pedicure R$ 5,00
Escova Curta R$ 10,00 Escova Média R$ 13,00 Escova Longa R$ 15,00
Fone: 222-3646
Visc. do Rio Branco, 311 - Sl. 4 Shopping MX
Temos depilação quente e fria
Agende seu horário de 2ª à sáb. das 10 às 19h

CURITIBANA
GRÁFICA E EDITORA
Criação e Produção
papel carta, nota fiscal, envelopes, folder, cartão de visita, pastas, flyers, convites, cartazes, livros, calendários, agendas, etiquetas, adesivos, impressos em geral
Eficiência na Qualidade e Pontualidade
Fone/Fax (41) 345-8543
impressoracuritibana@terra.com.br
Rua Acre, 195 - Água Verde
CEP 80620-040 - Curitiba - Paraná

Clareamento à Laser
dra. Andrea J. Pacheco Canto
Fone: (41) 222-4998
Rua Visconde do Rio Branco, 539 - Mercês
e-mail: arcanto@ig.com.br

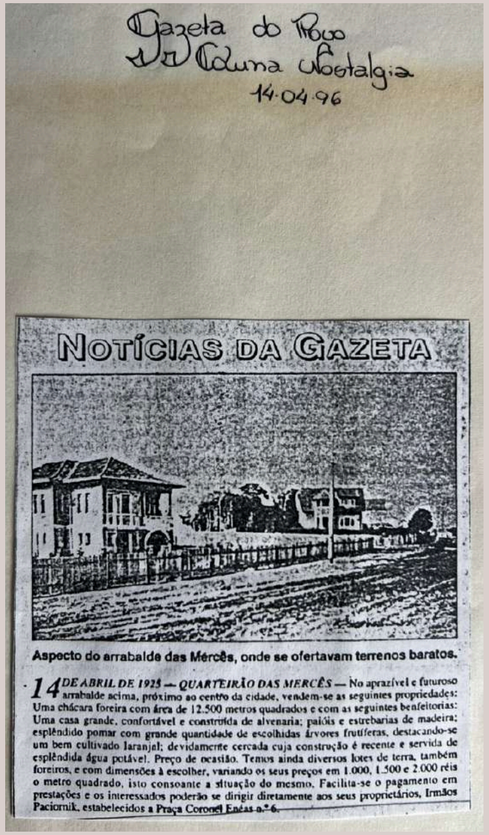
Jornal do Centro Cívico

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1925-1930: O ARRABALDE DAS MERCÊS

TERRENOS BARATOS, RUAS LARGAS E PAIZAGEM HORIZONTAL

Ainda se configurava como um arrabalde, formado predominantemente por casas e chácaras, com ruas largas e um cotidiano pacato. Apesar da proximidade com o Centro, era uma região residencial oferecida a preços acessíveis e marcada por uma paisagem horizontal que, em muitos trechos, persiste até hoje. Ainda pouco explorada e próxima ao Rio Barigui, a vida seguia um ritmo essencialmente rural: carroças vindas de Santa Felicidade cruzavam as ruas transportando leite e lenha, a água era retirada de poços e a iluminação vinha dos lampiões. Automóveis eram raros, e os deslocamentos aconteciam principalmente a pé ou a cavalo.



Gazeta do Povo
Coluna Nostalgia
14.04.96

NOTÍCIAS DA GAZETA

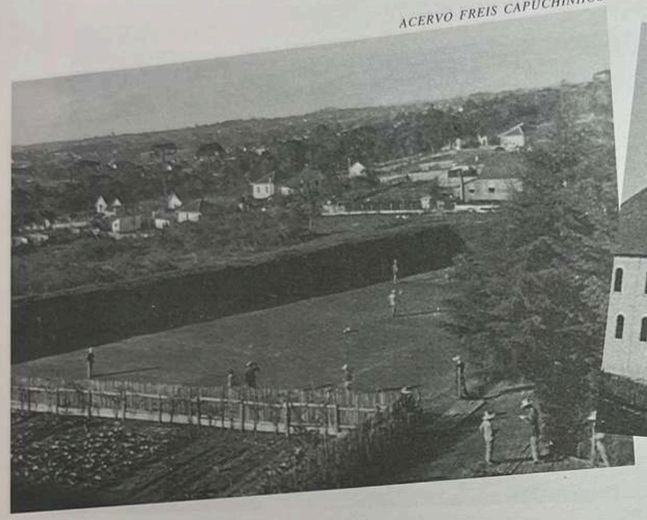
Aspecto do arrabalde das Mércês, onde se ofertavam terrenos baratos.

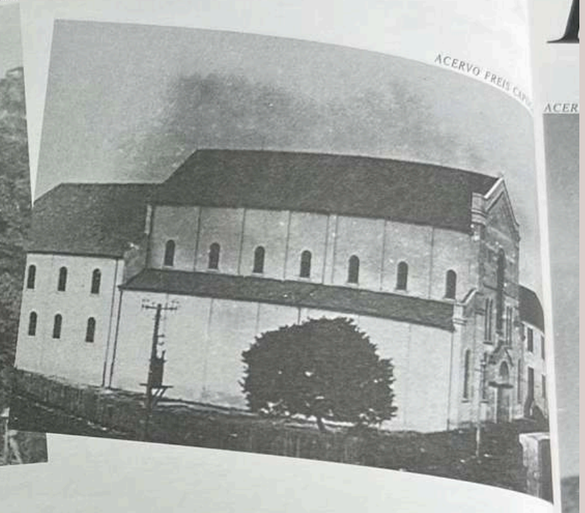
14 DE ABRIL DE 1925 — QUARTEIRÃO DAS MERCÊS — No aprazível e futuroso arrabalde acima, próximo ao centro da cidade, vendem-se as seguintes propriedades: Uma chácara foreira com área de 12.500 metros quadrados e com as seguintes benfeitorias: Uma casa grande, confortável e construída de alvenaria; paióis e estrebarias de madeira; esplêndido pomar com grande quantidade de escolhidas árvores frutíferas, destacando-se um bem cultivado laranjal; devidamente cercada cuja construção é recente e servida de esplêndida água potável. Preço de ocasião. Temos ainda diversos lotes de terra, também foreiros, e com dimensões à escolher, variando os seus preços em 1.000, 1.500 e 2.000 réis o metro quadrado, isto consoante a situação do mesmo. Facilita-se o pagamento em prestações e os interessados poderão se dirigir diretamente aos seus proprietários, Irmãos Paciornik, estabelecidos a Praça Coronel Enéas n.º 6.

Gazeta do Povo, Coluna Nostalgia

1930

ACERVO FREIS CAPUCHINHOS





Carroças vindas de Santa Felicidade cruzavam a rua do Cruzeiro (atual Av. Manoel Ribas) trazendo a lenha, as verduras, os ovos e o leite que os colonos iam vendendo no caminho até a "cidade". A maior parte das mães cuidava da casa ou da roça. A maioria dos pais trabalhava como carpinteiro, barriqueiro, marceneiro, dono de venda, alfaiate, barbeiro, açougueiro ou carroceiro. No rio Barigüi, a meninada do bairro tomava banho na Curva da Carniça ou na Curva da Volta Funda (onde somente os meninos podiam brincar, devido à profundidade). Água se tomava no poço, a luz era a do lampião, o banho era no tacho e o transporte era a pé, de carroça ou a cavalo. "Carro... só de vez em quando". Nas fotos, a antiga Igreja das Mercês e o Campo dos Freis Capuchinhos, entre as atuais ruas Manoel Ribas, Alcidez Munhoz e Julio Perneta, nos início dos anos 30.

Coleção Bairros de Curitiba - Mercês: Curitiba em 360º

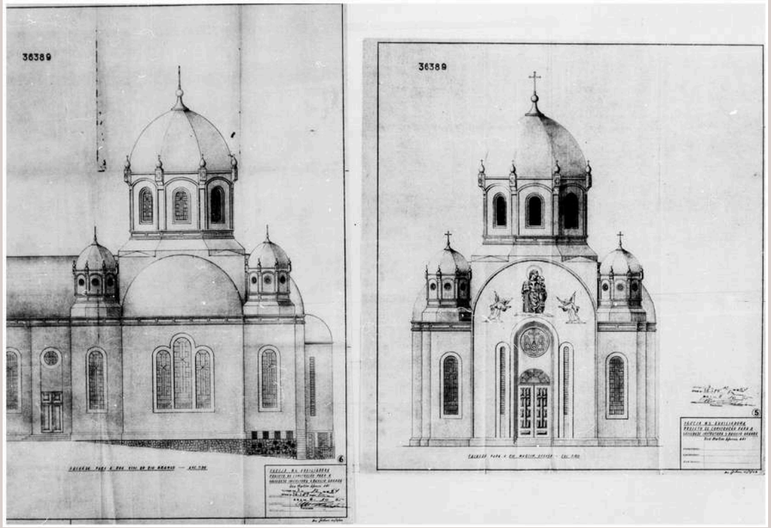
Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1929-1966: MARCOS INSTITUCIONAIS

EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E COMUNIDADE

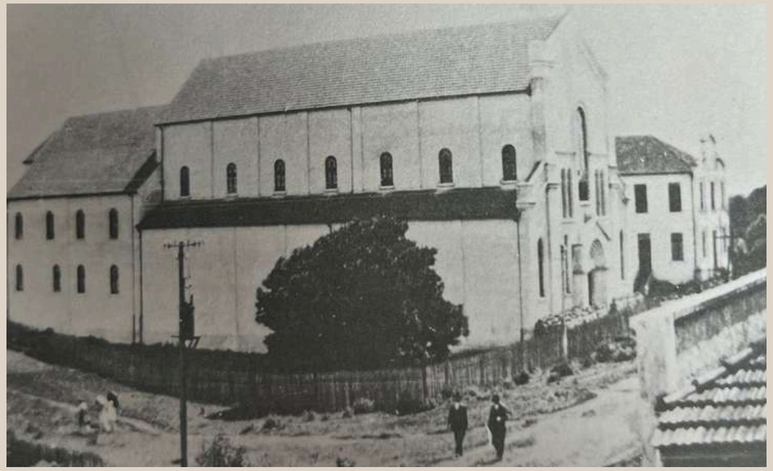
1929: Início da construção da Paróquia Nossa Senhora das Mercês
1954: Instituto Nossa Senhora das Mercês/Escola de Enfermagem e Lar Escola Hermínia Lupion (Lar das Meninas)
1958: Colégio Tuiuti
1960: Nova sede da Sociedade Operária Beneficente e Recreativa das Mercês e Igreja Ortodoxa Antioquina São Jorge
1964: Igreja Nossa Senhora Auxiliadora
1966: Praça 29 de Março

O bairro consolida-se como centro de educação, religião e comunidade.



Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, 1964

Praça 29 de Março, 1966



Igreja das Mercês, 1929

Lar das Meninas

Colégio Tuiuti

Sociedade Beneficente Operária das Mercês

Igreja Ortodoxa Antioquina São Jorge

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1940-1947: O RECOMEÇO DE NATHAN

A HISTÓRIA DE ORIGEM DO EDIFÍCIO BRASIL

Nathan foi um judeu polonês de uma pequena cidade de 5 mil habitantes.

1940-1941: Perseguição nazista intensifica-se.
1942: Com 27 anos, consegue fugir do gueto (parte de sua família não sobrevive). Passa 3 anos fugindo.
1945: Nazistas derrotados, mas antissemitismo persiste.
1947: Chega ao Brasil com a roupa do corpo, sem falar português, sem dinheiro. Ajudado por imigrantes, começa como mascate. Prospera no comércio, toma gosto pelo setor imobiliário.

Nathan e esposa

Nathan, em documentário sobre holocausto

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1959:
UM MONUMENTO À GRATIDÃO

PRIMEIRO PRÉDIO DE NATHAN, SÍMBOLO DE RECOMEÇO

Mais de 10 anos após chegar ao Brasil como refugiado, Nathan constrói seu primeiro prédio. O nome "Brasil" não foi uma escolha aleatória, mas uma retribuição sincera ao país que o acolheu e permitiu que reconstruísse sua vida longe dos horrores da guerra.

Localizado na Rua Visconde do Rio Branco, o edifício surgiu como um dos primeiros "predinhos" verticalizados em um bairro ainda dominado por casas térreas e pequenas chácaras, marcando o início de uma nova era para o Mercês.

Fachada do Edifício Brasil, 2026
Foto: Brenda Pontes

PROJETO ORIGINAL

Hall do Edifício Brasil, 2026

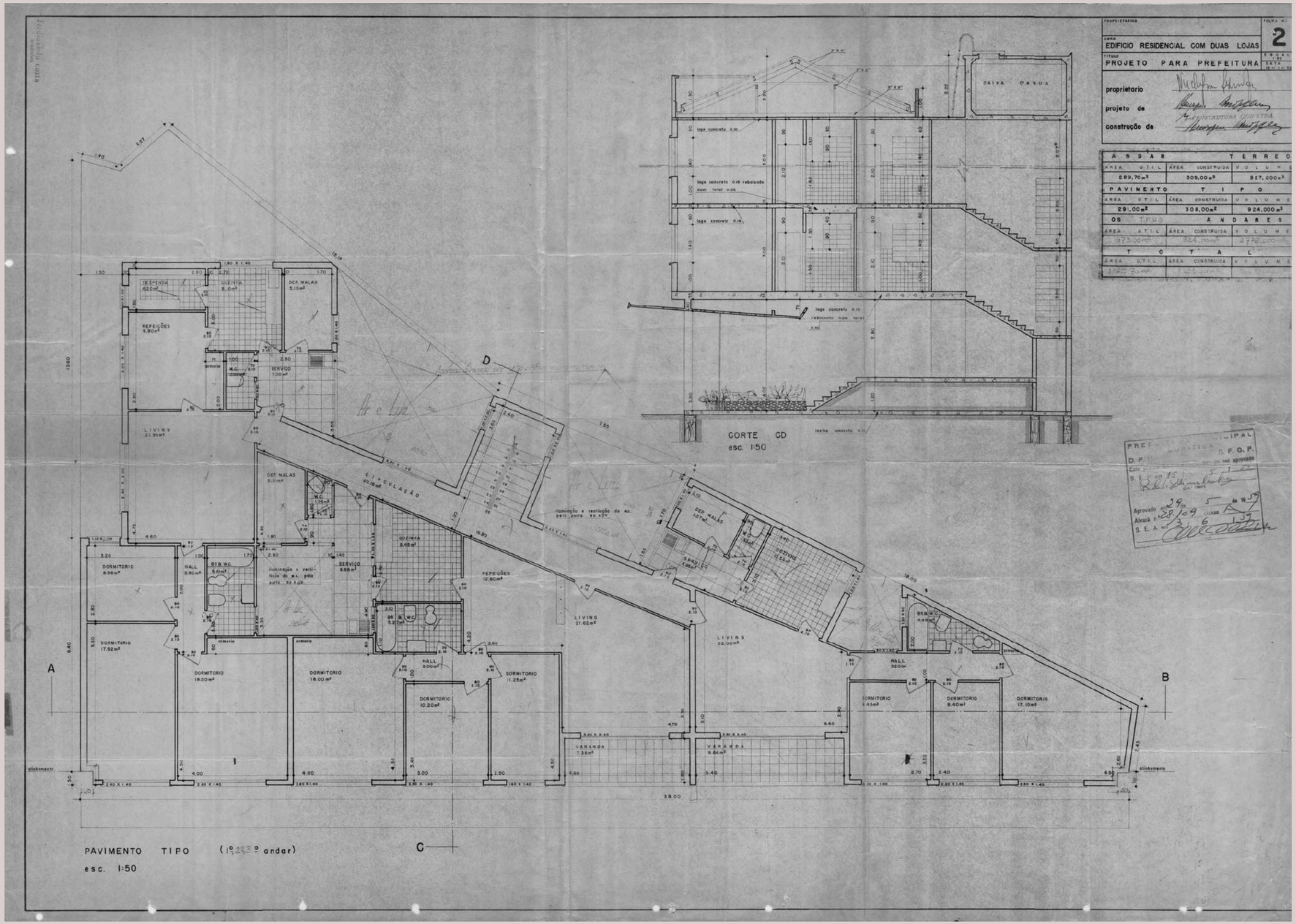
Fachada do Edifício Brasil, 2026
Fotos: Brenda Pontes

Tipologia familiar: 11 apartamentos amplos de 3 quartos.

Uso misto: Térreo ativo com imóveis comerciais para atender a vizinhança. Apartamentos para aluguel de moradia.

Estética: Fachada e pilar com pastilhas coloridas, corredores em granilite, sacadas com elemento vazado.

O detalhe crucial: Construído sem garagem — uma decisão comum na época, mas que definiria o destino do prédio décadas depois.



Planta original do Edifício Brasil, 1959

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1960-1980: AUGE DO EDIFÍCIO BRASIL

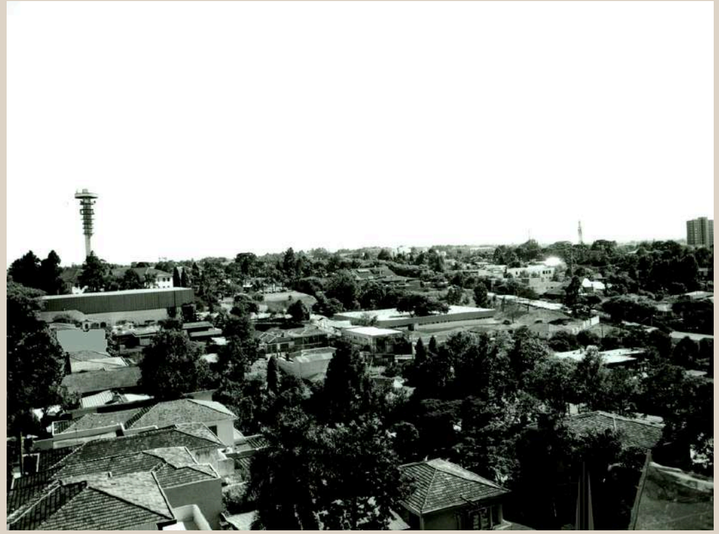
FAMÍLIAS, COMÉRCIOS E COMUNIDADE VIBRANTE

Fotografias no Edifício Brasil
Acervo de de Jaqueline, antiga moradora

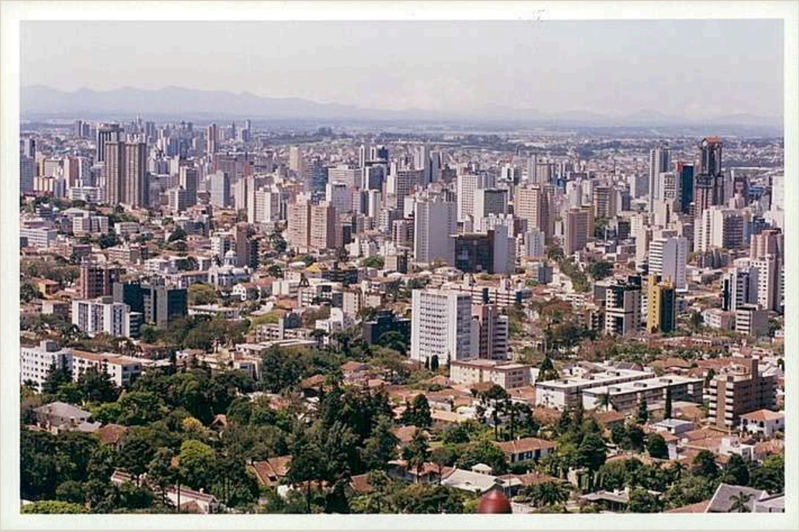
Edifício funciona plenamente como residência familiar. Comércios no térreo em atividade. Comunidade vibrante, famílias ocupam os apartamentos. Bairro continua em transformação, mas mantém caráter residencial. Paisagem ainda predominantemente horizontal.

Vistas do bairro Mercês, 1985

Vista aérea do bairro Mercês, divisa com Bigorrilho



Vista aérea do bairro Mercês



Bairros Mercês e Centro

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1960-1987: UMA GRANDE FAMÍLIA

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E A VIDA COMUNITÁRIA

Para **Jaqueline**, **Eneida** e **Wesley**, o Edifício Brasil não era apenas um endereço, mas uma extensão de suas famílias. As portas ficavam abertas, as crianças brincavam nos corredores e a vizinhança cuidava uma da outra.

"A gente nasceu com um mês de diferença aqui nesse prédio. Até os 18 a gente morou aqui... foi a melhor parte da vida."

"Esses corredores têm muita história. A gente soltava bombinha busca-pé e virava uma fumaceira... Saudade de quando eu brincava aqui."

"Era uma grande família. Todo mundo se conhecia. Se precisava de alguma coisa, o vizinho estava ali."

Fotografias no Edifício Brasil e bairro Mercês
Acervo de de Jaqueline, antiga moradora

“Aqui no lugar desse prédio da frente tinha uma casa muito legal. Era um pequeno pensionato. Tinha a melhor pera de Curitiba. Nessa casa era onde a gente guardava carro também.”

“Aqui era uma grande comunidade. Os vizinhos entravam na casa do outro, todo mundo se conhecia. Tanto que todo mundo sabe da maioria das pessoas até hoje. Que nem eu, Wesley, um amigo nosso que mora em Manaus... Essa época que foi a mais legal, que eram famílias que moravam.”

“O nosso era em cima do seu, Eneida. O meu irmão ficava muito lá com a mãe dela. Às vezes, como era pequenininho, passava ele pela sacada. Pegava no braço e eles pegavam ali embaixo. Não precisava descer escada, pegava ele por aqui.”

“Eu lembro quando o Flavinho pulou daqui, da marquise. Ele abriu o pulso, não foi? Não, não, a cabeça. Porque a galera era agitada, né? Estávamos brincando de esconde-esconde. Todo mundo se escondia, ele estava escondido ali. Ele que ia salvar todo mundo. Chegou na hora de bater o pique e quando ele pulou, deu com a cabeça no chão. Tadinho! Abriu o supercílio. E pensa para falar com a dona Angela... Nossa senhora!”

“Lembra quando a gente plantou isso? A gente que plantou essa ameixeira.”

“A gente se sentava no beiral (da sacada) e ficava balançando as pernas.”

Wesley, Jaqueline e Eneida, antigos moradores do Edifício Brasil, 2026

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

Fotografias no Edifício Brasil e bairro Mercês
Acervo de de Jaqueline, antiga moradora

1974-1985

1974-1985: TRANSFORMAÇÕES URBANAS

O BAIRRO ENFRENTA NOVOS DESAFIOS

O período marca alguns conflitos urbanos. Em 1974, o bairro é descrito como "frio com alguns problemas". Em 1975, surgem as primeiras queixas sobre ruas estranguladas e trânsito. Moradores antigos do bairro reclamam que "estão aterrando minha casa". Apesar disso, há otimismo com o progresso e investimentos públicos ("Mercês recebe benefício"). Em 1985, a comunidade já demanda sustentabilidade com um "jardim ambiental".

Bairro frio com alguns problemas

Assim como Maria da Cunha foi obrigada a improvisar um poncho para se agasalhar do frio, os moradores das Mercês consideram seu bairro como o mais frio de Curitiba, tido por ser um dos mais altos da Capital. Contam que quando no centro da cidade a temperatura está a 10 graus, nas Mercês chega a menos de cinco.

Embora sendo um dos bairros mais asfaltados de Curitiba, as Mercês demonstra uma arrancada para o progresso, registrado nestes últimos anos. Áreas ainda silvestres, planos acidentados e as inúmeras construções que ali se espalham por toda parte dizem muito do seu desenvolvimento.

É um bairro habitado por povo ordeiro, grande classe média, e seus moradores chegam a dizer, sem muito ressentimento, que no bairro há muitos problemas. Não que seja um bairro proletário, muito pelo contrário.

Nas Mercês há um único ponto de taxi além dos escassos coletivos que servem à população. O ponto está na Manoel Ribas e para os moradores isto dificulta a locomoção para o centro da cidade. Os coletivos são poucos e demorados, cabendo à empresa o arbítrio de aos sábados e domingos diminuir em até 50 por ponto o número dos carros.

Consideram seu maior problema a falta de água, principalmente na região denominada de Jardim Mercês. Os velhos poços piraxtos à bomba ainda proporcionam, dando-se por felizes pela água ainda não viralpolada, apesar da falta não da de saneamento básico.

Mas hoje já se pensa em água encanada e a Sanepar começa a distribuir as primeiras adutoras, destinadas a minorar o sofrimento dos moradores das Mercês, pela falta de água.

Algumas ruas estão se constituindo de reparo e o ponto crucíante está na ponte em reparação na rua Roberto Barroso. Essa via serve de ligação com o Pinheirinho e ao centro pela Central Norte. A ponte estava em precárias condições sendo necessária a sua demolição. Acontece que isso ocorreu há mais de um ano e até hoje não foi reconstruída, causando grandes transtornos no sistema viário e no trânsito de bairro. A não ser estes pequenos problemas, o bairro das Mercês é um dos melhores e mais bem servidos da Capital. Supermercados, farmácias panificadoras e outros estabelecimentos do ramo comercial começam a despontar nas Mercês.

A Roberto Barroso está exigindo uma ponte. A população local reclama e quer passagem.

A Sanepar garante mais água para o bairro. Os canos estão sob o asfalto.

Ótimo lugar para morar. Porém, nem tanto, fora da área asfaltada: há muito buraco e lama também.

Diário do Paraná, 1974

Diário do Paraná 12.09.75

"Seu" Pedro: Estão aterrando minha casa

MERCÊS

A maior preocupação do morador da rua Raquel Prado, 629, esquina com a rua Paulo Graeser Sobrinho, não é sua esperada aposentadoria (que está na iminência de receber) e, sim, ser obrigado a passar uma maneira de não virar "tatu".

Quando, em 1946, chegou a Curitiba, em companhia da esposa e mais tres filhos, Pedro Veiga não tinha local para morar. Foi daí que recebeu a informação de que no bairro Mercês existia uma casa desocupada e com jeito de ser abandonada.

Acreditando no ditado de "quem tem boca vai à Roma", Pedro conseguiu localizar a pessoa encarregada de zelar por aquela casa. Conquistou, pela simpatia, "dona" Amélia Silva, que gentilmente lhe entregou as chaves e nem cobrou qualquer coisa a respeito de aluguel ou outro pagamento.

Depois de uns dez dias de correria com a família de braço por toda Curitiba, dependendo da caridade dos conhecidos, conseguia finalmente acomodar-se.

A casinha era pequena, sem luz nem água encanada, como até hoje continua, mas fez umas melhorias. Carpiu, em volta do terreno, deu uma limpadinha. Esta rua, a Paulo Graeser Sobrinho, hoje está asfaltada, naquela época a pessoa que subisse era valente. O morro bem íngremo e de difícil acesso, o único caminho existente para "escalar" era uma picada com geito de rua, feita pelos raposas moradores desta zona.

Tudo corria bem para "seu" Pedro Veiga. Ele não tinha mais problema de moradia. Conseguiu uma colocação como vigia numa firma e ainda por cima sobrava tempo para fazer biscates, vendia ferro-velho, jornais e algumas vezes, frutas. Sua mulher, "dona" Margarida, também arranjou um serviço, lavar roupa "pra" fora. Vivia simples, mas feliz.

Sua tranquilidade acabou com a chegada de progresso. A sossegada picada transformava-se numa rua bastante movimentada. O terreno onde está a casa, por ser acidentado e em forma de concha, começou a receber o excesso de terras dos lotes que iam sendo construídos.

"Era um sal de desejarem coisas em volta da casa, comentava "seu" Pedro, sem gostar com o lixo. Isto aqui começava a dar fundo."

Quando vinha a noite e gente ia dormir preocupada com o que poderia acontecer no outro dia. De manhã se notava quanto cerura foi colocado e o lugar escolhido. Cada dia a sossa casa ficava mais no fundo e os barrachos aumentavam.

Uma vez pedi ao motorista que descarregava, se poderia colocar "aquilo" um pouco mais acima, caso contrário não daria para entrar em casa pela parte da frente. Ele concordou, serão... a coisa ficaria preta "pra" meu lado.

A situação acalmou com a chegada do asfalto. Cobrindo definitivamente a rua Paulo Graeser Sobrinho, a Prefeitura impediu os aproveitadores de aterrarem minha casa.

O problema atual persiste no seguinte.

Estou sabendo que para a conclusão da rua asfaltada é necessário colocarem calçamento deste lado, do outro já fem. Como não há suficiente de apoio ao trabalho de calçamento, a única viabilidade é encherem esta parte até ao nível da rua.

Se fizerem isto a minha casa desaparecerá ou melhor, será tampada como uma toca o quem mora em toca é tatu. Já imaginou, eu com 65 anos, esperando ser aposentado por estes dias, bancar o tatu.

Me resta esperar uma solução. Sair daqui eu não posso.

Não sou mais um rapazinho com a coragem de começar tudo de novo. Minha mulher também envelheceu.

A casa até hoje não recebeu visita, uma sequer do seu proprietário, só sei que ele é parte até ao nível da rua de Paranaguá, por ouvir. E, assim mesmo sem o conheço de nome. Ela, a casa, está um pouco estragada pelo tempo, não tenho condições de mandar arrumar. Fora isso, o pessoal voltou a despejar terra, ameaçando a segurança da gente.

Só espero que antes de me enterrarem vivo com a família, alguém responsável, ache que é a Prefeitura, venha esclarecer para onde posso levar as minhas coisas ao menos o aterro saí de uma vez.

Assim quem sabe eu ainda possa viver com dignidade dentro da casa que moro a oito anos, conclui "seu" Pedro Veiga.

Numa data bem distante, esta casa era habitada por uma família feliz, hoje, ameaçada pelo "progresso".

"Quero continuar vivendo com dignidade", disse Pedro Veiga.

A panela que "seu" Pedro Veiga mora está prêstes a cacher. Ele está preocupado com futuro de sua família.

Diário do Paraná, 1975

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

Fonte de subsídios para a história

O bairro das Mercês é um valioso reduto para pesquisas históricas, fonte de subsídios para os escritores que pretenderem escrever sobre a colonização paranaense. Junto ao bairro poderá se concluir até onde os europeus ou imigrantes de outros países tiveram influência junto a nós.

Ao longo da Avenida Manoel Ribas estão obras que valem pelo seu patrimônio histórico, levando-se em consideração o tempo de construção. Datas de 1919, 1920 e 1921 são frequentes em fachadas de residências e clubes sociais. As edificações são próprias do estilo germânico ou italiano. A Sociedade de Recreativa Beneficente das Mercês, é prova disto — 1919, data da fundação.

Residências e outras obras datam dessa década. Foi em 1921 que lá chegaram os padres Capuchinhos, edificando uma igreja no estilo Romano-Lombardo. O famoso e tradicional Bar Botafogo era também símbolo de uma época. Hoje ele está sendo demolido.

Posteriormente vieram outras edificações, umas conservam linhas tradicionais dos tempos, outras já mais modernas. Assim foram sendo edificados o Instituto Nossa Senhora das Mercês, Hospital Nossa Senhora das Graças, o Colégio São Francisco de Assis, o Clube da Soda "Hello Brandão" e a Escola de Enfermagem "Catarina Laboure", para citar as mais antigas e as mais recentes, não esquecendo também o Cine Mercês, um dos mais antigos de Curitiba, funcionando no Salão Social.

Quando essas estilos e obras são registrados na extensão da Manoel Ribas, concentração principal do comércio do bairro, no interior das Mercês, erguem-se modernos conjuntos residenciais; as casas são de estilo atual; suas ruas são largas e arborizadas; os jardins predominam de tal maneira que chegaram a denominar uma parte do bairro de "Jardim Mercês". Tudo isso a uma altitude superior a 900 metros do nível do mar, o que dá às Mercês um dos mais altos pontos de Curitiba, hoje sediando as comunicações paranaenses: o bairro é sede da Telepar, com seu famoso prédio além de mandar imagem a todos os pontos do Brasil através da Embratel, lá também instalada e, de duas estações de televisão.

Instituto Nossa Senhora das Mercês, outra obra dos anos idos.

Cine Mercês, guarda uma época e uma tradição.

A sede do Clube da Soda contrasta com velhos casarios.

Diário do Paraná, 1974

bairros

"Curitiba está crescendo, mas não no nosso bairro"
Mercês

Os moradores da Tefé já fizeram vários abaixo-assinados, solicitando que a rua fosse nivelada. Mas ela continua do mesmo jeito, como há 15 anos, facilitando a entrada de sujeira e águas de chuva nas propriedades.

Dona Henriqueta mora na rua Roberto Barroso, quase esquina com a Rosa Saporski, ela contou que é uma pessoa bastante curiosa. Por isso, um dia destes, foi até o prédio da Telepar, pediu licença e subiu até o último andar, para olhar do terraço, a cidade de Curitiba e confessou que foi grande o seu espanto ao notar que em volta, onde seu olhar alcançava, tudo estava muito bem. "Asfaltado, bonitinho". Mas, na direção das Mercês, naturalmente, longe da Manoel Ribas, nas imediações da Roberto Barroso, havia uma mancha marrom, misturada a toques de verde. Dizer que era a cor das "áreas verdes" preservadas seria uma expressão bonita e digna de uma página de jornal, mas não é nada disso, disse dona Henriqueta. Era a cor de ruas abandonadas e esburacadas e o verde do mato crescendo em todos os cantos, contra a conhecida eficiência dos serviços de "Conservação e Limpeza Pública".

Dona Henriqueta citou, para demonstrar que o bairro estava parado, que várias ruas, como a Rosa Saporski, têm começo mas acabam de repente, embora seja necessária a continuação. A rua Rosa Saporski termina num barranco, sem a mínima sinalização. Depois do barranco, há um despenhadeiro. "Pobre daquele que avançar e cair ali! observou com uma panela nas mãos. [illegible]

[illegible] Nair, foi outra moradora que fez reclamação. "Existe muito mato aí na esquina da Roberto Barroso com a Rosa Saporski. Não haveria problema nenhum se este local cheio de mato não causasse mal. Mas ele causa". Dona Nair, disse que à noite ali se reúnem "maloqueiros" que ficam importunando a vida das pessoas que passam. "Se não houvesse tanto mato por ali, pelo menos as pessoas que passam poderiam notar qualquer indivíduo [illegible]

por exemplo, fizeram um enorm[e] planejamento. Alargaram as ru[as] canalizaram todo o esgoto, ilumin[a]ram toda a área, enfim deixara[m] tudo em ordem". Mas aqui nes[te] lado das Mercês, nada acontece [de] novo".

Contou o "seu" Gerhart que m[ais] de 15 abaixo-assinados já fora[m] entregues à Prefeitura para que nivelasse a rua Tefé, nas proxi[mi]dades da João Gomes. "Não p[...] que a rua ficasse plana, bonita [...] coisa parecida. E que do jeito [...] que ela está, quando chove, tod[a] água corre para os terrenos da r[ua]. Entra nas propriedades, ca[rre]gando toda a sujeira que recolhe [no] seu percurso.

"Este é um probleminha peque[no]" comentou. O pior está no esgoto [que] corre ao lado da João Gomes. A[nti]gamente havia manilhamento n[o] esgoto. Chegou um tempo em [que] vieram até aqui e retiraram [...] prometendo consertar logo de[pois]. Hoje as valetas estão abertas [e as] promessas provavelmente fica[ram] na gaveta", falou "seu" Gerha[rt].

A dona da mercearia Estre[la do] Mar, da rua João Gomes, es[...] cea que ali estava uma outra [...] de que, nas Mercês, o desen[volvi]mento parou. E que esta rua, [tam]bém termina de repente. E a[...] minar, logo depois da Tefé, [...] pela frente, uma enorme bar[...] ao pé da qual passa o esgoto. [illegible] alto, comentou a propri[etária da] mercearia. Pois a "[...] começa bem em uma cur[va] também, não há a mínima s[inaliza]ção". Comentou Roberto, um [...] das redondezas, que ali na "[...]roca" passaram a jogar muito li[xo e] terra. "Quando chove toda a te[rra] e todo o lixo, despencam lá de ci[ma] entupindo o esgoto que passa [no] final da Ten. João Gomes".

Provavelmente, falou Robe[rto,] não haviam encontrado uma s[...]

Diário do Paraná, 1975

Mercês: Somatório de tradição e progresso

Mercês é isso aí: modernas residências, a torre da Igreja de São Francisco, tradições, raças diversas, enfim, o antigo convivendo com o moderno na mais perfeita harmonia e, até onde é possível num mundo tão conturbado, vivendo na mais complexa paz!

O bairro Jardim Mercês foi o escolhido para ser identificado como a "Cidade da Comunicação", pois é onde se encontra o DIARIO DO PARANÁ, TV Paraná Canal 6, entre outros veículos de comunicação. Um lugar onde a altura e a beleza natural, fazem dele uma atração turística, pois a visão panorâmica da cidade e a inexistência da poluição contrastam bem com a maioria dos bairros de Curitiba.

O local é muito bem servido pelos coletivos que percorrem aquela linha, não dando tempo de espera para os usuários.

VELHOS TEMPOS

Antigamente este bairro levava o nome de "Lar das Meninas", devido à existência de um educandário para meninas abandonadas que existe até hoje.

Naquele tempo, o bairro era pouco habitado e ficava quase no esquecimento da população que centralizava-se no bairro Mercês. Lotações faziam o percurso até o centro por entre ruas de difícil acesso, onde o futuro começava a nascer.

Hoje com o nome de Jardim Mercês, tudo se modificou, e o progresso tomou conta do lugar, com as antigas chácaras dando lugar a novas e arquitetônicas edificações, e um asfalto de fazer inveja a muitos arrabaldes da cidade.

Praticamente o bairro está interligado com as Mercês, Vista Alegre, Pilarzinho entre outros, numa mostra da evolução do antigo "Lar das Meninas".

Lar das Meninas, o recanto para crianças abandonadas.

LAR DAS MENINAS

O Lar das Meninas no Jardim Mercês, existe há mais de vinte anos, e fica localizado no topo da rua Jacarezinho, e é ali que cerca de 350 meninas com uma variação de idade desde recém-nascidas até menina moça de 18 anos vivem.

As meninas que geralmente são abandonadas pelos pais, encontram no local toda a educação possível, pois o "lar" é mantido pelo Estado, tem uma ajuda do Instituto de Assistência ao Menor, colaboração de famílias, sem contar com as irmãs Vicentinas, que desde a fundação, dão tudo de si em prol destas meninas.

O Convento, de construção tradicional, conserva um pouco da Curitiba, tranquila e pacata de outros tempos.

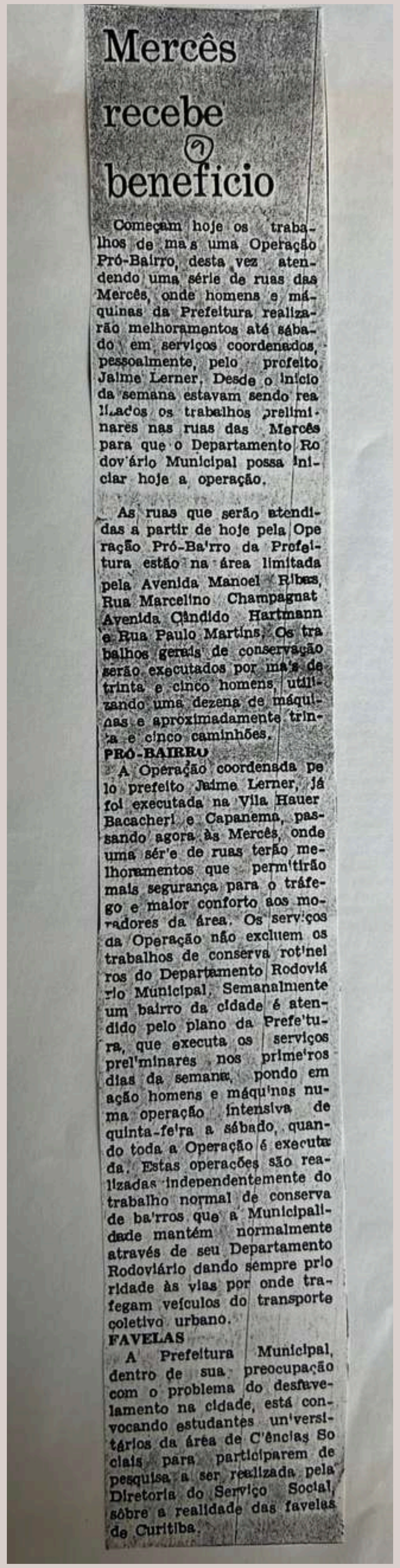
Atendimento médico, dentistas, oculistas, escola primária, um ginásio, afinal tudo que for de necessidade, encontra-se no Lar das Meninas, além de que, elas praticam várias modalidades esportivas, possuem uma sala de música, televisão, e aprendem todos os cursos domésticos. O que sempre acontece é o encaminhamento destas meninas para diversos empregos como: secretárias, balconistas, trabalhar em casa de família, e também ajudam as irmãs a cuidar da horta, onde plantam verduras e frutas.

Rua Jacarezinho é a espinha dorsal de um bairro que honra Curitiba.

Constantemente, casais sem filhos procuram o Lar das Meninas para adotarem uma criança, e quando isto acontece é feita uma averiguação das possibilidades financeiras e das condições de educação dos interessados.

A moderna arquitetura do conjunto DIARIO DO PARANÁ e TV Paraná Canal 6 deram uma nova dimensão de progresso ao bairro.

Diário do Paraná, 1975


Mercês recebe benefício

Começam hoje os trabalhos de mais uma Operação Pró-Bairro, desta vez atendendo uma série de ruas das Mercês, onde homens e máquinas da Prefeitura realizarão melhoramentos até sábado em serviços coordenados, pessoalmente, pelo prefeito Jaime Lerner. Desde o início da semana estavam sendo realizados os trabalhos preliminares nas ruas das Mercês para que o Departamento Rodoviário Municipal possa iniciar hoje a operação.

As ruas que serão atendidas a partir de hoje pela Operação Pró-Bairro da Prefeitura estão na área limitada pela Avenida Manoel Ribas, Rua Marcelino Champagnat Avenida Cândido Hartmann e Rua Paulo Martins. Os trabalhos gerais de conservação serão executados por mais de trinta e cinco homens, utilizando uma dezena de máquinas e aproximadamente trinta e cinco caminhões.

PRÓ-BAIRRO

A Operação coordenada pelo prefeito Jaime Lerner, já foi executada na Vila Hauer Bacacheri e Capanema, passando agora às Mercês, onde uma série de ruas terão melhoramentos que permitirão mais segurança para o tráfego e maior conforto aos moradores da área. Os serviços da Operação não excluem os trabalhos de conserva rotineiros do Departamento Rodoviário Municipal. Semanalmente um bairro da cidade é atendido pelo plano da Prefeitura, que executa os serviços preliminares, nos primeiros dias da semana, pondo em ação homens e máquinas numa operação intensiva de quinta-feira a sábado, quando toda a Operação é executada. Estas operações são realizadas independentemente do trabalho normal de conserva de bairros que a Municipalidade mantém normalmente através de seu Departamento Rodoviário dando sempre prioridade às vias por onde trafegam veículos do transporte coletivo urbano.

FAVELAS

A Prefeitura Municipal, dentro de sua preocupação com o problema do desfavelamento na cidade, está convocando estudantes universitários da área de Ciências Sociais para participarem de pesquisa a ser realizada pela Diretoria do Serviço Social, sôbre a realidade das favelas de Curitiba.

Gazeta do Povo, 1975

MERCÊS

O futuro é benvindo

Muitos fatores contribuem para o desenvolvimento do bairro, o principal, não há poluição atmosférica.

Ocupando uma extensa área, quase central, de 269,2 hectares, o bairro das Mercês é considerado independente, tanto no seu aspecto social, religioso, como econômico. Não há indústrias, mesmo assim demonstra grande capacidade progressista, graças à farta comercialização ao longo da sua principal via de acesso, a avenida Manoel Ribas.

Contando com aproximadamente 13 mil habitantes, distribuídos em mais de três mil e 500 domicílios, pode orgulhar-se de ser comparado com qualquer cidade do interior, o elevado nível de desenvolvimento apresentado é análogo a muitos municípios paranaenses.

É bem servido quanto ao atendimento público e municipal, suas ruas são quase todas praticamente asfaltadas, nisto vale ressaltar que é um dos poucos bairros de Curitiba tão bem servido, as ruas que ainda não receberam tratamento asfáltico, se apresentam em ótimas condições de tráfego, salvo algumas exceções.

Há infra-estrutura administrativa nas Mercês, não completamente, mas nos deixa pouco a desejar. O saneamento básico foi implantado no passado. Faltou pouco para que atendesse à totalidade dos moradores, o percentual da população atendida está por volta de 80 por cento, com projetos futuros para que se reduza mais este percentual, contando com isso a boa localização da estação de tratamento de água na sua proximidade, no Jardim Schaffer.

No bairro da Mercês, os moradores cogitam a urgente necessidade da implantação de uma subprefeitura, para que melhor seja administrado. As razões são devido à grande afluência de novos moradores que começaram, há uns dois anos, um processo expansionista, como também pelo alto comércio. Procuram, assim, uma forma de canalização mica em benefício do desenvolvimento do próprio bairro, tanto residencial, quanto comercial.

Não é para menos a preocupação, o bairro é atualmente um receptáculo progressista. Muitos comerciantes de outros bairros e mesmo de outras cidades, encaram as Mercês com "bons olhos" motivados pela proliferação de inúmeras atividades já existentes em toda a sua imensa área. Qualquer outra forma de comercialização que se proponha, o bairro tem condições de sustentar sobrevivência, quem sabe até para o consumo interno ou dela fazer proveito. A sua versatilidade econômica provém dos inúmeros serviços estabelecidos até agora, que formam o esteio progressista:

A Telepar, uma estação de TV, o Canal 6; um jornal, o DIARIO DO PARANÁ; Clube da Soda Helio Brandão; Instituto Nossa Senhora das Mercês; Cine Mercês; Escola de Enfermagem Catarina Labouré; vários estabelecimentos de ensino; Hospital Nossa Senhora das Graças; Colégio São Francisco de Assis; uma das mais antigas sedes sociais de Curitiba, a Sociedade Recreativa e Beneficente das Mercês; duas praças de lazer, a praça Frei Inácio e a praça 29 de Março, [illegible] gem para o futuro, que só será divulgada e conhecida no dia 29 de março de 2.000; Lar Herminia Lupion; duas agências bancárias; sete postos de gasolina; nenhuma indústria, economicamente substituídas pelo contingente comercial; ruas arborizadas, bem sinalizadas, de fácil escoamento; a via principal é acesso para Santa Felicidade, reduto de bons vinhos e "daquela" comida italiana; seu interior já tem infra-estrutura, saneamento básico, asfaltamento, iluminação pública e o mais importante, capacidade para comportar novas residências.

Vale sustentar que o bairro das Mercês é um dos mais bem localizados. O panorama curitibano é visto de sua área. Quando chega o inverno conta com a vantagem de arborização, que elimina por vez qualquer tentativa de frio úmido. Seu ar puro continuará por muitos anos por não ter indústrias, principais agentes poluidores.

Duas características predominaram no bairro, a substituição de indústria por comércio, chaminés por árvores.

Diário do Paraná, 1975

A única área de lazer está em péssimo estado de conservação.

Mercês quer um jardim ambiental

Os moradores do Jardim Mercês estão fazendo um abaixo-assinado reivindicando ao Departamento de Parques e Praças, a construção de mais áreas de lazer no bairro, principalmente nas imediações do Colégio Rosa Saporski, situado na Rua Jacarezinho. Eles reclamam que o único local onde existe uma área ambiental é na esquina desta rua com Anita Zanetti, porém "em péssimo estado de conservação". O projeto para melhor conservação da área está pronto no DPP, só que teria um custo de aproximadamente 80 bilhões de cruzeiros hoje, segundo os arquitetos do DPP.

Há mais de um ano que os moradores do bairro reclamam junto à prefeitura, da falta de praças e jardins ambientais. "A única resposta que nos dão é que não têm verbas".

Um dos assinantes do abaixo-assinado disse que o Departamento de Parques e Praças havia prometido ceder o projeto para construção do jardim pretendido, sugerindo aos moradores construí-lo em forma de mutirão. "Nós não aceitamos porque achamos isso um absurdo. Pagamos nossos impostos regularmente e portanto temos direito a áreas de lazer como todo mundo".

JACAREZINHO

Com uma área de 10 mil metros quadrados, a maioria coberta por bosques, o Projeto Jacarezinho, como é chamado o estudo do DPP, prevê ainda a construção de diversas passarelas entre os bosques e outros serviços, aos moldes dos implantados no Bosque João Paulo II.

O arquiteto Uba Filho reconhece que a área esteja um pouco deteriorada, principalmente o parque infantil ali existente. Mas argumenta que o Departamento ainda não visitou o local para reformas porque é pouco visitado pelos moradores.

Para viabilizar a obra pretendida, ele disse que será gasta uma fortuna com a infra-estrutura: "Em 1984, um montante de aproximadamente 40 bilhões, hoje mais de 80", finalizou.

Estado do Paraná, 1985

Obra na Rua Professor Fernando Moreira, 1976

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

1990-2002: MOBILIDADE E DESAJUSTE

O CARRO TOMA CONTA - DESAJUSTE DO EDIFÍCIO BRASIL

Década de 1990: Carros tornam-se onipresentes. Ruas estreitas das Mercês viram palco de conflitos de trânsito. "Motoristas reclamam de calçada". "Necessidades do bairro também incluem vagas e sinalização".

Problema: Edifício Brasil construído em 1959 sem garagem. Demanda moderna por vagas cresce exponencialmente. Famílias com carros preferem prédios com garagem.

Evasão de inquilinos começa. Prédio fica cada vez mais vazio.

Necessidades do bairro também incluem vagas e sinalização

Para melhorar o fluxo de veículos no bairro Mercês, a prefeitura vai investir R$ 346 mil com remodelação de ruas. O projeto prevê o recapeamento de ruas, novas placas de sinalização e colocação de semáforos. Mas os moradores ainda sugerem que sejam aplicados recursos para a implantação de sinaleiros para pedestres. Os comerciantes ainda pedem a criação de faixas específicas para o estacionamento de clientes.

"Aqui mora muita gente de idade, que tem dificuldade em cruzar as ruas movimentadas", afirma Maria Luíza Machado, que vive na rua Júlio Perneta, a ser transformada em continuação da Desembargador Motta. Para Maria Luíza, a colocação de sinaleiros, similar aos usados pelos cegos, poderia ser posta nas esquinas mais perigosas.

O proprietário do Açougue Tobias, Antônio Pereira, afirma que outro equipamento necessário seria faixas de estacionamentos. "Fica difícil para os motoristas que passam na frente da loja conseguir uma vaga", diz. A gerente do açougue, Teresa Muzek, reclama que nos dias de pico dos bancos (segunda e sexta-feira) as poucas vagas que existem são tomadas pelos clientes desses estabelecimentos. "Se fizerem estas mudanças, talvez recuperemos os 30% dos clientes que perdemos", complementa o balconista da panificadora Benghi, Silvio Santos. (I.R.)

Marcelo Almeida

O açougueiro Antônio Pereira: hoje é difícil uma vaga para estacionar

Gazeta do Povo, 1998

Rua Dr. Barrozo é revitalizada

Dentro de aproximadamente 40 dias, Curitiba estará ganhando uma nova ligação entre os bairros Mercês e Centro Cívico. É que a Prefeitura iniciou esta semana as obras de revitalização da Rua Dr. Roberto Barrozo, no trecho entre as ruas Tapajós e Jacarezinho. Com esse trabalho, a cidade ganhará um rápido acesso viário entre os dois bairros.

As obras compreendem a pavimentação com asfalto definitivo, instalação de galerias pluviais e meios-fios em um trecho de mil metros. Com isso, a meta da Prefeitura é melhorar a interligação entre os bairros Mercês e Centro Cívico.

Importante via estrutural de ligação, a Rua Dr. Roberto Barrozo, nas Mercês, atende o trânsito das linhas do Interbairros II e do Ligeirinho e veículos de passeio. Atualmente, o pavimento da rua está prejudicado devido ao grande volume de trânsito, que deteriora o material de resvestimento, apesar das constantes obras de recapeamento.

Com esse trabalho Curitiba ganhará uma via definitiva que melhorá o tráfego na região e completará a ligação entre esses dois importantes bairros da cidade.

Indústria e Comércio, 1992

Motoristas reclamam de calçada nas Mercês

Os motoristas que circulam pela Rua Paulo Martins, no Bairro Mercês, reclamam da dificuldade em transitar nas imediações da casa de número 353. O problema, de acordo com eles é que a calçada foi reformada pelos proprietários da residência há cerca de um mês, avançando sobre a rua. Segundo os motoristas, com isso ficou praticamente impossível que dois carros passem lado a lado pelo local.

Os mais revoltados são os pais de alunos do Colégio Dom Bosco, que fica do outro lado da rua. Além da redução da largura, a queixa é de que a construção está quase 40 centímetros acima do nível da rua, o que impede alguns veículos de abrir suas portas.

Obstáculo: bem na esquina, além de estar mais alta do que o normal, a calçada avança sobre a rua.

Queixas

Para Luiz Eugênio Martins, que tem três filhas no Dom Bosco, o tráfego está complicado, especialmente nos horários de entrada e saída de alunos. "O quadro se agrava na hora em que passam caminhões e ônibus escolares por aqui. Temo que haja algum acidente se os donos da calçada não recuarem um pouco a construção", diz.

Eliziane Peuerle da Cunha, que diariamente leva e traz a filha da escola, diz que os pais já fizeram um abaixo-assinado para que a prefeitura determine um único sentido de circulação na rua. "Se já era difícil trafegar antes, agora, com a calçada no meio da rua está quase impossível", diz.

Infiltração

Segundo a proprietária do lote em que o pavimento foi construído, Luci Otis, a obra foi iniciada para solucinar um problema de infiltração de águas pluviais na garagem de sua residência. "A pedido dos pais de alunos do Dom Bosco, os fiscais da prefeitura estiveram aqui, constataram a necessidade das obras e informaram que a própria prefeitura vai dar continuidade a elas", diz Luci. Quanto à altura da calçada, ela explica que essa foi uma medida necessária para coibir o abuso dos pais de alunos que invadiam a área para estacionar os carros.

Segundo a prefeitura, não há registros de que o morador tenha obtido licença para a realização da obra. A Secretaria Municipal de Urbanismo promete visitar o local dentro do prazo de três dias úteis, contados a partir de hoje. Se houver irregularidade, os responsáveis pagarão multa de 178,55 Ufir (R$ 171,60) e terão 10 dias para readequar a calçada ao planejamento urbano do local. No caso de desrespeito a esse prazo, a multa pode dobrar.

Apoio

A maior parte dos moradores da rua está apoiando a decisão da família Otis em subir a calçada para evitar o abuso dos pais de alunos do Colégio Dom Bosco na hora de parar o carro para deixar as crianças na escola. "Eles não respeitam a privacidade de quem mora por aqui, o lugar vira um inferno", opina Alenor Costa. João Scorzatto concorda. Para ele, as reclamações dos pais são exageradas. "Eles querem é poder voltar a subir com o carro na calçada, o que é absurdo".

Gazeta do Povo, 1998

Quatro ruas das Mercês terão mão única na semana que vem

O trânsito no bairro Mercês, em **Curitiba**, vai sofrer modificações na semana que vem. As ruas Tenente João Gomes, Júlio Perneta, Rosa Saporski e Marcelino Champagnat foram modificadas para implantação de dois novos binários, sistema formado por duas ruas paralelas, cada uma com um sentido do tráfego. Até o final da próxima semana as quatro ruas, que hoje têm mão dupla, ficarão com mão única. Pela região circulam cerca de 17 mil veículos por dia.

Nos próximos dias, funcionários da prefeitura terminarão a instalação da nova sinalização nas quatro vias, mas as ruas continuam operando nos dois sentidos até o final das obras. As vias receberam recape asfáltico novo, 93 novas luminárias e três novos semáforos.

Como fica – As ruas envolvidas nos binários perderão a mão dupla. As ruas Julio Perneta/João Gomes darão continuidade ao binário da Desembargador/Brigadeiro (que liga o Rebouças às Mercês), estendendo-se até a rua Roberto Barrozo. A Júlio Perneta terá sentido bairro-centro, ligando-se com a Desembargador Motta. A Tenente João Gomes da Silva vai ficar com sentido centro-bairro, dando continuidade ao fluxo da Brigadeiro Franco.

Já o binário da Marcelino Champagnat vai regular o trânsito nas imediações da Universidade Tuiuti. A via perde a mão dupla em um pequeno trecho entre a universidade e a Manoel Ribas. No sentido centro-bairro, os motoristas seguirão pela Marcelino Champagnat até a Tuiuti e, daí, pegarão a Rosa Saporski. No sentido bairro-centro, devem seguir em mão única pela Marcelino e entrar na Julia Wanderley, em frente da Tuiuti.

Folha do Paraná, 1998

ESPECIAL ▌REGIÕES TRADICIONAIS DE CURITIBA PASSAM POR UMA TRANSFORMAÇÃO NAS SUAS CARACTERÍSTICAS IMOBILIÁRIAS

UM BAIRRO EM MUTAÇÃO

Mercês, conhecido pelo perfil residencial, revela agora sua vocação na área comercial

O Mercês mudou as suas características imobiliárias nos últimos anos e passou a receber vários empreendimentos comerciais.

TRADICIONAL. NÃO HÁ MELHOR PALAVRA para resumir o bairro Mercês, um dos mais antigos de Curitiba. Sempre caracterizado pelo grande número de casas e pequenos prédios, a região vem passando nos últimos anos por uma transformação imobiliária e está revelando uma vocação toda especial para receber empreendimentos comerciais.

Uma volta pela Avenida Manoel Ribas, coração do bairro, confirma a mudança no perfil imobiliário. A cada dia que passa, uma nova loja se instala na região. A transformação também pode ser observada nos dados populacionais da Prefeitura Municipal de Curitiba. De 1991 até 2000, enquanto o comércio do Mercês crescia a passos largos, a população do bairro diminuiu de 16.169 para 14.020, uma queda de 3,03%. Para se ter uma idéia, no mesmo período o número de habitantes de Curitiba cresceu 4,16%, passando de 1,315 milhão para 1,586 milhão.

Um item, especialmente, colabora com a mudança no perfil imobiliário do Mercês. É o fato do bairro estar muito próximo do Centro – região que quase não apresenta mais espaços para crescer. "A localização privilegiada é a grande vantagem do Mercês, que está em mutação, passando de um perfil essencialmente residencial para o comercial", explica o superintendente da imobiliária Apolar, Jean Michel Gallano.

Resultado: o bairro é uma boa alternativa para aqueles que querem uma casa para montar um comércio. Só que é preciso gastar sola de sapato para achar um imóvel de qualidade. "A região tem pouca mercadoria disponível", reforça Michel.

Além da proximidade com a área central, o comércio do Mercês fica ainda mais aquecido por ter bairros vizinhos de alto padrão, como o Champagnat (Bigorrilho) e Ecoville (que abrange parte do Mossunguê, Campina do Siqueira e Campo Comprido). Para atender estes "nobres colegas" chegaram à região bancos, supermercados, farmácias e restaurantes das mais diversas qualidades. Enfim, a infra-estrutura do bairro ficou praticamente completa. "O Mercês se voltou para a área comercial, principalmente nas redondezas da Avenida Manoel Ribas", constata o diretor da imobiliária Habitec, Luís Fernando Koehler de Camargo, ao lembrar que o Alto da Glória está passando por uma transformação semelhante.

O perfil voltado para a área comercial faz a escasser de imóveis disponíveis no bairro ficar ainda mais acentuada quando o assunto são residências térreas. "É possível encontrar ainda algumas casas nas ruas secundárias do Mercês, mas não são muitas", comenta Koehler de Camargo. Hoje, o preço do metro quadrado na região, que tem um perfil classe média, varia de R$ 700,00 a R$ 850,00 para um imóvel (comercial ou residencial) com bom padrão de acabamento.

História

O nome Mercês é palavra proveniente do latim "merce", que significa graça, benefício ou proteção. Já a escolha de tal palavra para qualificar o bairro está diretamente ligada à religiosidade de seus moradores. Ainda no século XIX, seus habitantes já preservavam o hábito de fazer procissões em devoção à Nossa Senhora das Mercês. Atas da Câmara Municipal, na metade do século XVIII, já confirmam o termo "Quarteirão das Mercês" ou "Quarteirão da Senhora das Mercês", para denominar uma região que, até bem pouco tempo, abrangia parte de outros bairros vizinhos, como a Vista Alegre e o Bigorrilho.

Por volta de 1920, quando chegaram ao bairro os frades capuchinhos Frei Ricardo e Frei Timóteo, procedentes de Veneza (Itália), a devoção à Nossa Senhora das Mercês aumentou. Em 28 de junho de 1926 foi iniciada a construção da Igreja das Mercês e, em 1929, foi realizada a sua inauguração.

– SAMUEL ESTEVAM REISE

INDICADORES

	Mercês	Curitiba
Área (hectares)	327,60	43.217,00
População total (2000)	14.020	1.586.848
Idade média da população (em anos)	34,82	29,33
Domicílios (2000)	5.492	542.310
Habitantes por domicílios (2000)	2,55	2,93
Média de área construída	9115,50m2	86,74m2
Pontos comerciais (1999)	516	26.572
Indústrias (1999)	93	4.566
Prestadores de serviços (1999)	107	5.758
Frota de veículos (1998)	10.713	836.947
Veículos por habitante (1998)	0,76	0,50
Praças	5	383

→ Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

Gazeta do Povo, 2002

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2011:
ÚLTIMOS SINAIS DE VIDA

EDIFÍCIO BRASIL AINDA HABITADO, MAS DETERIORADO

Edifício Brasil ainda tem ocupação. Um dos dois comércios em funcionamento: Estofaria Veneto. Pichações começam a aparecer no térreo. Sinais claros de deterioração. Prédio está em seus últimos anos de ocupação plena. Poucos inquilinos restantes. Sinais de que o fim está próximo.

Edifício Brasil, 2011
Google Street VIew

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2012:
O INCÊNDIO

PONTO DE INFLEXÃO - O FIM DE UMA ERA

“O fogo começou em um dos quartos e rapidamente se alastrou pela sala. Embora 5.000 litros de água tenham sido utilizados para conter as chamas em uma área de 40m², e duas famílias tenham sido evacuadas pelos bombeiros, felizmente ninguém se feriu.” No entanto, o impacto foi devastador para a comunidade do edifício. O incêndio funcionou como o catalisador final para o esvaziamento.

“A TEORIA DA JANELA QUEBRADA”

Após o incidente, mais pessoas partiram. O prédio, já fragilizado pela falta de garagens, começou a declinar rapidamente, perdendo a viabilidade do condomínio.

MENU G1 PARANÁ RPC

07/12/2012 08h38 - Atualizado em 07/12/2012 08h38

Incêndio destrói apartamento e evacua prédio em Curitiba

Incidente ocorreu na madrugada desta sexta-feira (7) no bairro Mercês. Ninguém ficou ferido e causa do incêndio ainda não foi apurada.

Do G1 PR

FACEBOOK

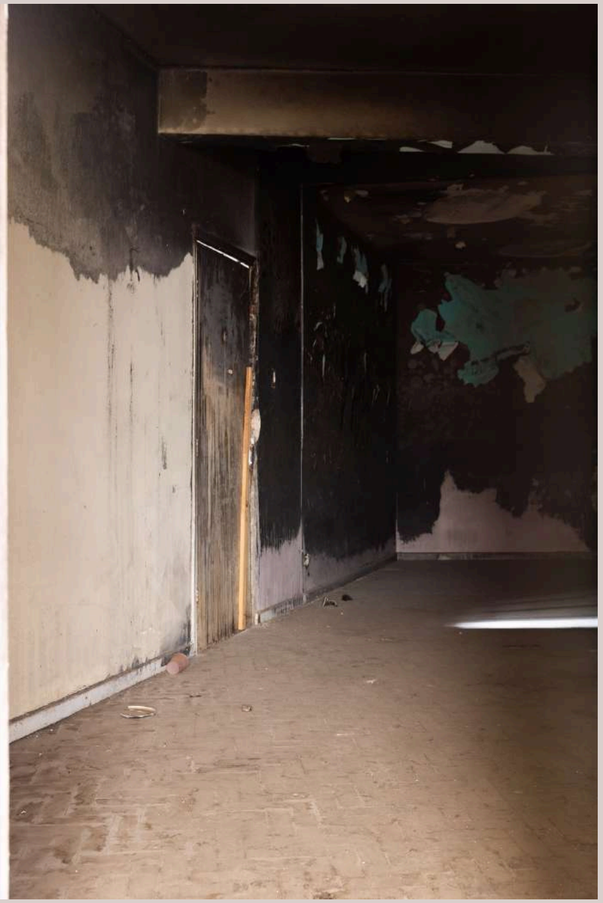
Um incêndio atingiu um apartamento em Curitiba na madrugada desta sexta-feira (7). De acordo com os bombeiros, o fogo começou por volta das 3h e destruiu o apartamento que fica no primeiro de um prédio de três andares no bairro Mercês. Ninguém ficou ferido.

Segundo testemunhas, o fogo começou em um dos quartos e se alastrou pela sala. A maior parte dos moradores deixou os apartamentos quando percebeu a fumaça, mas duas famílias tiveram de ser evacuadas pelos bombeiros quando estes chegaram ao local. Foram utilizados cinco mil litros de água em uma área de aproximadamente 40 metros quadrados.

A causa do incêndio ainda não havia sido apurada até o momento em que a reportagem foi publicada, mas não houve relatos de incêndio criminoso, segundo a polícia.

Paraná RPC, 2012

Edifício Brasil, 2012
Paraná RPC



Edifício Brasil, 2026
Fotos: Brenda Pontes

2013-2014

2013-2014: FECHAMENTO

FIM DA OCUPAÇÃO FORMAL, INÍCIO DO ABANDONO

Julho de 2013
O comércio local encerra as atividades. As pichações começam a tomar conta do térreo, sinalizando o abandono.

Dezembro de 2013
A degradação avança para o primeiro pavimento. O prédio ainda mantém alguns poucos inquilinos, mas a atmosfera é de esvaziamento.

Maio de 2014:
O edifício é totalmente desocupado. Portas e janelas são lacradas com concreto e madeirite. O condomínio torna-se inviável e a decisão de fechar o prédio é definitiva.

Edifício Brasil, 2013
Google Street VIew

Edifício Brasil, 2014
Google Street VIew

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2015-2018:
À ESPERA DE UM DESTINO

PLACAS DE VENDA, PICHAÇÕES, ESPERANÇA QUE DESVANECE

Novembro de 2015:
Uma grande placa de “vende/aluga” da imobiliária Fênix é instalada. Portas dos antigos comércios são concretadas, restando apenas uma.

2016-2017:
O tempo passa e a placa continua lá. As pichações na fachada aumentam e vidros aparecem quebrados. O prédio permanece estático.

Outubro de 2017:
A placa grande é substituída por uma menor. A esperança de uma venda rápida diminui, enquanto o edifício mergulha em um estado de suspensão.

Edifício Brasil, 2015
Google Street VIew

Edifício Brasil, 2017
Google Street VIew

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2018-2019: OCUPAÇÃO INFORMAL

GRAFITE E OCUPAÇÃO

Julho de 2018:
Uma janela de sacada aparece aberta, sugerindo ocupação. Grafites começam a marcar o último pavimento. Sinais visíveis de que o prédio não está mais vazio.

Dezebro de 2018:
A ocupação informal se consolida com mais grafites nas sacadas. O edifício passa a ser apropriado por novos habitantes, à margem da formalidade.

Abril de 2019:
Pertences de pessoas em situação de rua em frente a antiga porta, agora concretada.

Edifício Brasil, 2018
Google Street VIew

Edifício Brasil, 2019
Google Street VIew

ABANDONO NUNCA É TOTAL: A CIDADE SEMPRE ENCONTRA UM JEITO DE OCUPAR ESPAÇOS VAZIOS

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2026:
VOZES DO BAIRRO

A ESPERANÇA DA RENOVAÇÃO

“Aqui é um bairro que te permite viver a cidade no dia a dia, não só morar nela.”

Cristina escolheu morar nas Mercês pela combinação entre vida de bairro, proximidade com o Centro e possibilidade de fazer tudo a pé. Ela valoriza a mistura de usos, a arborização e a escala humana, que tornam o bairro seguro, convidativo e propício à convivência. Para ela, o abandono do Edifício Brasil sempre foi uma perda, enquanto o retrofit representa a chance de devolver vida, coletividade e valor urbano ao lugar, conciliando memória e atualização.

Cristina, vizinha do Edifício Brasil

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2026:
VOZES DO BAIRRO

O SONHO DE UM BAIRRO MAIS VIVO E CONECTADO

“Quanto mais gente a gente vê na rua, mais vida — e mais segurança — o bairro tem.”

Angela percebe a região do Edifício Brasil como estratégica, bem localizada e com forte potencial urbano, mas que precisa ser reativada para se tornar mais habitável. Para ela, mais pessoas na rua significam mais segurança, e a requalificação de edifícios existentes é fundamental para trazer vida ao bairro sem apagar sua história. Em um contexto de mais pessoas morando sozinhas e buscando bairros caminháveis, Angela defende uma cidade mais humana, ativa e menos dependente do carro.

Angela, moradora da Rua Visconde do Rio Branco

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2026:
VOZES DO BAIRRO

VIVÊNCIA E A BUSCA POR SEGURANÇA

“Quando o prédio era habitado, a região era tranquila; o vazio é que trouxe o medo.”

Schirle mora há mais de 30 anos em frente ao Edifício Brasil e acompanhou seu período de uso, esvaziamento e abandono. Para ela, enquanto o edifício esteve habitado, a região era tranquila e segura, com comércio ativo no térreo e circulação cotidiana. O fechamento do prédio marcou uma ruptura, associada a medo e insegurança, especialmente para quem vivia e circulava a pé. A recente vitalidade trazida por novos usos no entorno reforça sua expectativa de que o edifício volte a cumprir uma função urbana positiva, contribuindo para segurança, convivência e equilíbrio do bairro, sem romper seu caráter residencial.

Schirle, vizinha do Edifício Brasil

2026

ATUALMENTE: DESAFIOS PERSISTENTES

O DILEMA E A BUSCA POR SOLUÇÕES

Insegurança no entorno: O abandono prolongado atraiu vulnerabilidade para a rua.

Obsolescência estrutural: Instalações antigas e falta de garagens afastam inquilinos.

Responsabilidade social: Como modernizar sem apagar a história do lugar?

Fachada do Edifício Brasil, 2026
Foto: Brenda Pontes

Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2025-2026: ILAN ENTREGA O LEGADO

UMA NOVA FASE COM RESPEITO À HISTÓRIA

Após anos de desafios e tentativas de venda, Ilan, neto de Nathan, toma uma decisão crucial para o futuro do Edifício Brasil. Em vez de permitir a demolição ou descaracterização, ele busca uma venda que valorize a memória da família e do bairro. O edifício é entregue à Weefor, uma incorporadora alinhada com a visão de preservação e inovação, para realizar um projeto de retrofit completo.

Ilan, antigo proprietário o Edifício Brasil

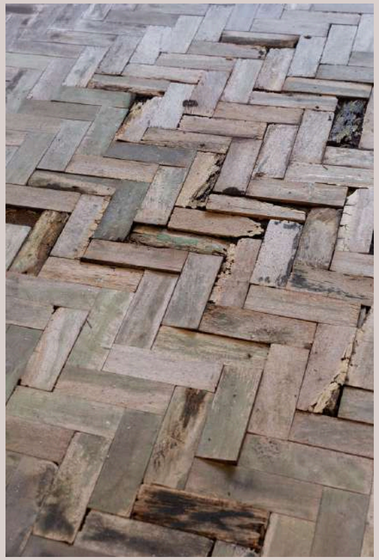
Desenvolvido por
Isabella Curcio Brouwenstyn

2026 EM DIANTE: RENASCIMENTO

UM NOVO CICLO COM RESPEITO À HISTÓRIA

O projeto de retrofit liderado pela Weefor marca o início de um novo ciclo para o Edifício Brasil. Ao invés de demolir para construir o novo, optou-se por preservar a alma do edifício, adaptando-o às necessidades contemporâneas. A ausência de garagens, antes vista como um problema sem soluções, é agora ressignificada para um público que valoriza a mobilidade urbana, a caminhabilidade e a vida no bairro.

Entorno do Edifício Brasil, 2026
Foto: Brenda Pontes



Edifício Brasil, 2026
Fotos: Brenda Pontes

A história continua, o ciclo se completa.

O que começou com Nathan em 1959 atravessou décadas de mudanças, resistiu ao fogo e ao abandono e agora renasce como um palco para novas histórias.

O FUTURO JÁ ESTÁ ENTRE NÓS. BASTA APRENDER A REGENERÁ-LO.